

# **A importância da atividade cafeeira no município de Marília e as novas conjunturas socioeconômicas da atividade em âmbito regional<sup>1</sup>**

**Jéssica de Sousa Baldassarini**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP)  
e-mail: jessika\_baldassarini@hotmail.com

**Rosangela Aparecida de Medeiros Hespanhol**

Profa. Dra. Dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP)  
e-mail: medeiroshespanhol@gmail.com

## **Resumo**

O presente artigo tem por finalidade abordar a histórica relação entre a atividade cafeeira e o estabelecimento/desenvolvimento do município de Marília, em especial no que se refere à dinamicidade econômica e socioespacial fomentada por esta atividade. Também se considerou as novas conjunturas socioeconômicas da cafeicultura na região de Marília e, em particular, o papel desempenhado pela COOPEMAR (Cooperativa dos cafeicultores da região de Marília) na cadeia produtiva do café, como centralizadora de infraestruturas de produção e comercialização. Neste contexto, procurou-se compreender os fatores que permitiram a manutenção da cafeicultura, considerando as principais estratégias desenvolvidas e/ou empregadas pelos produtores, com o intuito de superar as adversidades e permanecer na atividade.

**Palavras-chave:** Cafeicultura; cooperativismo; reprodução socioeconômica; economia; Marília.

## **The importance of coffee activity at Marília city and new socioeconomic situations of this activity in regional level**

### **Abstract**

This article approaches the historic relationship between coffee production and the establishment/development of Marília city, especially by the economic and socio-spatial dynamism fomented by this activity. It was also considered the new socioeconomic conjuncture in Marília region and, particularly, the role of COOPEMAR (Cooperative of the Marília region coffee growers) in coffee production chain as a centralizing of production and commercialization infrastructures. The factors which allowed the maintenance of coffee production was sought to understand, considering the main strategies developed or used by coffee growers with the goal to surpass adversities and remain in this activity.

**Keywords:** Coffee production; cooperativism; socioeconomic reproduction; economy; Marília.

---

<sup>1</sup> O presente artigo é resultado da pesquisa de iniciação científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), intitulada "A importância da atividade cafeeira no município de Marília: Contribuições e Impasses".

## La importancia de la actividad del café en el municipio de Marília y las nuevas coyunturas socioeconómicas de la actividad en ámbito regional

### Resumen

El presente artículo tiene por finalidad abordar la histórica relación entre la actividad del café y el establecimiento/desarrollo del municipio de Marília, en especial en lo que se refiere a la dinamicidad económica y socioespacial estimulado por esta actividad. También se consideró las nuevas coyunturas socioeconómicas de la caficultura en la región de Marília y, en particular, el papel desempeñado por la COOPEMAR (Cooperativa dos cafeicultores da região de Marília) en la cadena productiva del café, como centralizadora de infraestructuras de producción y comercialización. En este contexto, se procuró comprender los factores que permitieron la manutención de la caficultura, considerando las principales estrategias desarrolladas y/o empleadas por los productores, con el intuito de superar las adversidades e permanecer en la actividad.

**Palabras clave:** caficultura; cooperativismo; reproducción socioeconómica; economía, Marília.

### Introdução

O presente artigo tem como objetivo compreender historicamente a importância da atividade cafeeira no município de Marília, abordar as novas conjunturas socioeconômicas da atividade na região, bem como as estratégias desenvolvidas e/ou empregadas pelos produtores de café, com o intuito de se manterem na atividade.

Adotou-se como recorte temporal desde o processo de formação do município de Marília na década de 1920, em sua intrínseca relação com a atividade cafeeira, até os dias atuais. Nas análises foram abordados dois grupos de municípios, organizados em eixos, que mantêm relações com Marília por conta de fatores intrínsecos à produção de café como, por exemplo, a busca por assistência técnica, a aquisição de insumos e mudas, bem como o escoamento da produção para empresas de beneficiamento e comercialização do município.

A incorporação destes eixos nas análises auxiliou na compreensão da atual estrutura da cadeia produtiva do café, que se constitui em escala regional, no entendimento da importância de Marília enquanto centralizadora de produtos e serviços indispensáveis para a atividade cafeeira da região, como também possibilitou identificar quais são as singularidades de cada um dos eixos, quais as potencialidades e as demandas e, a partir disso, quais as estratégias adotadas pelos produtores em prol da permanência na atividade.

No primeiro tópico: “O processo de avanço do café no interior paulista: o despertar das novas relações econômicas e socioespaciais”, iniciou-se as reflexões apontando algumas das principais transformações que ocorreram no campo num contexto de estabelecimento do complexo cafeeiro, como por exemplo, as novas relações sociais estabelecidas, a incorporação de novas técnicas e demandas oriundas do espaço urbano

que fomentaram uma maior interdependência entre estes espaços e as transformações que se deram na cidade, a qual foi atribuída novas funções.

No segundo tópico intitulado “Marília X café: uma relação histórica que se mantém?” abordou-se desde a histórica relação estabelecida entre a atividade cafeeira e o desenvolvimento do município de Marília, em especial no que se refere à dinamicidade econômica e socioespacial fomentada inicialmente por esta atividade econômica, até os dias atuais, em que se percebe um histórico processo de substituição da atividade cafeeira por outras culturas e, principalmente, uma maior relevância do setor industrial e de comércio e serviços em detrimento da agropecuária.

Por fim, no terceiro tópico: “As novas dinâmicas da atividade cafeeira na região de Marília”, apresentou-se as principais dificuldades enfrentadas pelos cafeicultores nesta localidade e quais as ações por eles adotadas para permanecer na atividade.

Para atender aos objetivos traçados foi necessário um levantamento bibliográfico referente aos pontos que nortearam nossa pesquisa como: relação cidade-campo; expansão da cafeicultura no Estado de São Paulo; processo de formação do município de Marília e cooperativismo.

Posteriormente, foi utilizado dados de fonte secundária como os disponibilizados pelo Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável de Marília (2010) e o Plano Regional de Desenvolvimento Rural Sustentável de 2011 que apontam as características das atividades agrícolas da região de Marília e ações de incentivo as mesmas, além da CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral) com a análise do LUPA (Levantamento Censitário das Unidades de Produção Agropecuária) no período de 1995/1996 e 2007/2008.

Realizou-se entrevistas com representantes da Secretária de Agricultura de Marília e de cooperativas agrícolas do município (COOPEMAR e SUL-BRASIL), objetivando ter acesso a informações relevantes sobre a atividade e aqueles que estão com ela envolvidos.

Por fim, foram realizados trabalhos de campo com o intuito de ter contato com os cafeicultores da região de Marília e suas respectivas realidades, abordando suas características socioeconômicas, de produção e de escoamento do café, como também as formas de organização destes produtores para promover/garantir sua permanência na atividade. Este trabalho de campo incorporou os dois grupos de municípios, que apresentam características distintas e que dão subsídios para entender as relações que se estabelecem em nível regional no que tange à cadeia produtiva do café e suas propriedades.

## **O processo de avanço do café no interior paulista: o despertar das novas relações econômicas e socioespaciais**

No que se refere ao processo de introdução da atividade cafeeira no Estado de São Paulo e seu deslocamento rumo ao Oeste Paulista alguns elementos devem ser considerados.

Inicialmente tem-se a relevância do chamado binômio café/ferrovias. Este primeiro foi o grande meio de acumulação de capital, permitindo tanto o estabelecimento de uma nova classe social, a burguesia do café, como também financiando a instalação e ampliação de toda uma estrutura física que intensificasse o desenvolvimento da atividade cafeeira, resultando em uma maior fluidez espacial e na expansão da produção no Estado (MATOS, 1981; LIMA, 1986).

Já no que tange as ferrovias, deve-se considerar que as mesmas se colocaram como indispensável para a superação das distâncias espaciais. Sua presença representava a possibilidade de maior acesso à capital paulista, favorecia o escoamento da produção cafeeira, promovia a permanência dos fazendeiros na região, estimulava a vinda de mão de obra para trabalhar nas lavouras, influenciava o desenvolvimento do comércio para atender as necessidades daqueles que se instalavam no núcleo urbano etc. (MOTTA, 1972; MATOS, 1981).

Estes elementos foram de suma importância no processo de formação dos núcleos urbanos que estavam atrelados, inicialmente, ao atendimento das demandas diretas e indiretas da produção de café. Estes núcleos tinham como função articular num mesmo “espaço” todas as infraestruturas indispensáveis para o estabelecimento do cultivo do café como também para atender as necessidades do contingente populacional atraído por ele.

Ainda hoje quando se considera a análise da paisagem como fator relevante no entendimento da estruturação espacial tem-se que muitas marcas de tempos e dinâmicas passadas permanecem enquanto resquícios, constituindo-se em rugosidades<sup>2</sup>. Em Marília, muitos resquícios do auge da atividade cafeeira ainda permanecem na paisagem e nos dão subsídios para compreender a espacialização destes processos (MATOS, 1981; SILVA, 1999; SANTOS, 2002).

---

<sup>2</sup> “[...] Chamemos *rugosidade* o que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se submetem e acumulam em todos os lugares. [...]” (SANTOS, 2002, p.140, grifo do autor).

**Figura 1: Marcas que permanecem – a estação ferroviária (1), os depósitos de café (2,3) e a Matarazzo (4)**



Fonte: Arquivo Pessoal. Trabalho de campo realizado em fevereiro de 2012.

No que se refere às novas dinâmicas do município tem-se que a complexidade das atividades não agrícolas que serviram, inicialmente, de suporte para o desenvolvimento da atividade cafeeira atribuíram novas funções à cidade. Com a intensificação da fluidez neste espaço por conta da dinamicidade fomentada pela economia cafeeira, houve a necessidade do estabelecimento de novas estruturas físicas, os fixos, que vão, por sua vez, permitir a expansão de novos fluxos de caráter mais complexos, neste sentido: “[...] pode-se, mesmo dizer [...] que a fluidez somente se alcança através da produção de mais capital fixo, isto é, de mais rigidez” (SANTOS, 2002, p.252). Desta forma, a rigidez do espaço vai ser a base para a sua fluidez.

Outro elemento que deve ser considerado são as dinâmicas que se processaram no campo como as novas formas de produção com o incremento de técnicas mais modernas, o estreitamento das relações cidade-campo e a metamorfose das relações sociais que ali se estabeleceram desde a substituição do trabalho escravo pelos colonos (imigrantes europeus) até a incorporação dos trabalhadores eventuais.

No caso da incorporação dos trabalhadores livres tem-se que a mesma se coloca como uma estratégia frente à abolição da escravidão, a elevada escassez de mão de obra e como meio de diminuir os custos de reprodução da força de trabalho: “[...] o emprego de colonos representava para os fazendeiros economia de capital variável”, considerando-se a elevada demanda da mesma (SALLUM JÚNIOR, 1982, p.159).

Porém, por conta da ociosidade da mão de obra durante considerável período do ano característico do cultivo de café, paralelamente ao estabelecimento do Estatuto do

Trabalhador Rural em 1963, que simbolizava maiores direitos aos trabalhadores do campo, houve um aumento dos gastos destinados a manutenção da mão de obra, o que favoreceu, inclusive segundo relatos dos cafeicultores entrevistados nesta pesquisa, o processo de substituição dos trabalhadores permanentes por eventuais. Esta substituição vai ser possível graças à presença do excedente de mão de obra, o que vai, inclusive, promover a precarização das formas de pagamento e de emprego dos novos trabalhadores temporários (STOLCKE, 1986).

Esta modificação nas relações de trabalho também é consequência das transformações desencadeadas pela modernização da agricultura no Brasil desde a década de 1960 que reduziu os postos de trabalho. Esta redução associada à incorporação de novas tecnologias poupadoras de mão de obra promoveu alterações nos padrões de sazonalidade da demanda da força de trabalho (BALSADI, 1995).

Com a “expulsão” destes trabalhadores do meio rural tem-se uma mão de obra despossuída dos meios de produção. Neste cenário, estes sujeitos vão se colocar à margem do sistema econômico mediante três formas principais:

- 1) Se sujeitando a condições precárias de trabalho no campo;
- 2) Se deslocando para os núcleos urbanos, porém desempenhando trabalhos no campo também em condições precárias;
- 3) Buscando se inserir no mercado de trabalho da cidade, em especial, no mercado informal e/ou de baixa qualificação e, conseqüentemente, remuneração.

Observa-se neste processo a renda da terra cedendo lugar para o lucro do capital, o capital constante se tornando mais relevante que a terra enquanto meio de produção e um aumento da composição orgânica do capital pelo processo de substituição do capital variável pelo capital constante, representado pelo processo de incorporação da mecanização (GORENDER, 1987).

Neste cenário tem-se a participação de agentes do espaço urbano em atividades antes de caráter rural, como por exemplo, a influência das grandes multinacionais de produção/comercialização de insumos agrícolas e equipamentos, além de empresas vinculadas com o processo de transformação da matéria-prima agrícola. Neste sentido: “[...] com o avanço do capitalismo, a propriedade da terra e a produção agrícola tornam-se negócios dos capitalistas urbanos, e passam a ser também comandadas por eles” (ENDLICH, 2006, p.21).

Todos estes processos promovem uma interdependência entre estes espaços, já que, se por um lado, o campo se torna dependente de elementos externos a ele, inclusive pelo fato de muitas das decisões com relação às atividades desenvolvidas no campo serem

tomadas na cidade, por outro, a eficiência econômica destas empresas se tornam dependentes de uma agricultura também eficiente.

Neste sentido, a agropecuária torna-se menos condicionada por processos naturais, mas passa a ser mais dependente de elementos “artificializados”, introduzidos por demandas e interesses característicos de uma sociedade urbano-industrial, sendo que este processo ao mesmo tempo em que resulta em uma maximização da produção, promove a exclusão daqueles que não possuem capital para se inserir nestas novas dinâmicas. Ou seja, além da subordinação a estes elementos artificiais (transformação da base técnica), tem-se a dependência crescente do capital (SILVA, 1999).

Dentre as novas dinâmicas que vão se dar no campo, Gorender (1987) defende que com o processo de incorporação do capital neste espaço, se tem uma diminuição da mão de obra permanente, principalmente, nas grandes propriedades rurais. Pode-se considerar que este é o padrão se levar em conta, por exemplo, o processo de mecanização das atividades agrícolas, promovendo a diminuição da demanda de força de trabalho. Porém, com o desenvolvimento da presente pesquisa percebeu-se que além de se considerar esta diminuição faz-se necessário considerar a transformação dos papéis exercidos por estes trabalhadores permanentes que, no caso da produção de café, ainda são relevantes.

Neste sentido, houve a incorporação da força de trabalho permanente não mais, essencialmente, nos tratos culturais, mas, desempenhando funções relacionadas ao manuseio dos novos equipamentos de produção agrícola, ou seja, como operadores de maquinários.

A manutenção de um trabalhador permanente torna-se compensatória se o mesmo possuir familiaridade tanto com os tratos culturais necessários na produção do café como também com o manuseio de máquinas e equipamentos, sendo este fator ainda mais relevante quando se considera a tendência de mecanização da produção cafeeira. Este processo representa uma tentativa de amenizar os efeitos da considerável sazonalidade do emprego da mão de obra.

Há que salientar que esses trabalhadores, em períodos que não estão envolvidos com o preparo do solo, são utilizados em outras atividades, como na manutenção das lavouras, através da aplicação de praguicidas, fertilizantes [...] Assim, nota-se que, apesar desses trabalhadores se especializarem no comando das máquinas e implementos, deverão estar sempre aptos a desenvolver outras atividades (LIMA, 2004, p.101).

Em nossa área de estudo percebeu-se que é justamente nas médias e grandes propriedades rurais que vai se encontrar os trabalhadores permanentes desempenhando estas “novas funções”. Já nas pequenas propriedades rurais, quem realiza o cultivo do café é o próprio produtor (proprietário) e sua família, já que este não tem capital ou mesmo

demanda durante o ano para manter um trabalhador permanente, sendo que uma possível contratação, mas de caráter temporário, pode ocorrer algumas vezes durante o ano, principalmente durante a colheita.

Observa-se por meio destes apontamentos modificações nas relações de trabalho no campo, a dinamização dos núcleos urbanos, a maior fluidez dos espaços, novas relações entre o campo e a cidade, etc. sendo que, em especial no Oeste Paulista, estes processos estiverem relacionados, inicialmente, com a atividade cafeeira.

### **Marília X café: uma relação histórica que se mantém?**

O surgimento de Marília esteve associado com a última etapa de expansão da atividade cafeeira no Estado de São Paulo, por meio da derrubada das matas (em sistema de empreitadas), incorporação de terras devolutas e plantação de cafezais como estratégia de demarcação de território.

Este território foi ocupado, explorado e dinamizado inicialmente por conta da cafeicultura e a chegada da ferrovia. Os primeiros pés de café do município foram plantados em 1915 e a chegada da Companhia Paulista de Estradas de Ferro se deu em 1928, mostrando a interdependência entre estes dois elementos. Porém, diferentemente de outras regiões do Estado de São Paulo, não foi a estrada que abriu novas fronteiras, a mesma acompanhou a expansão colonizadora do café, embora fosse indispensável para que esta colonização se efetivasse (PÓVOAS, 1947; MATOS, 1981).

Marília chegou a contar com 20.000.000 de pés de café em meados da década de 1930 (PÓVOAS, 1947), mas com uma histórica queda tanto do número de pés como também de produção. Dentre os fatores que levaram a esta queda tem-se a redução dos preços e a erradicação dos cafezais, levando ao decréscimo constante dos volumes produzidos (-54% durante a década de 1960), o que reflete na diminuição do valor da produção (-26% entre 1961 e 1970) (SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1971).

Posteriormente houve o surgimento de doenças que infestaram os cafezais, o estabelecimento de atravessadores na cadeia produtiva, a expansão da malha urbana do município, entre outros fatores, que favoreceram a diminuição das áreas ocupadas com o café. Concomitantemente, houve o desenvolvimento de outras atividades agrícolas como o algodão, o amendoim, a amoreira, etc. como também o desenvolvimento de pequenas atividades comerciais e industriais (atreladas ao beneficiamento dos produtos agrícolas), sendo que este último se destacou no município pós 1970, relacionado com o setor de alimentos e metalurgia (LARA, 1991; MOURÃO, 1994).

Atualmente, no que se refere às atividades agropecuárias, observa-se quando se compara os dados do LUPA (Levantamento Censitário de Unidades de Produção Agrícola) de 1995/1996 com os de 2007/2008 um crescimento significativo de Unidades de Produção Agropecuária (UPAs) do município de Marília ocupadas com a braquiária (relacionada com a pecuária de corte e de leite), a cana-de-açúcar e o eucalipto.

Por meio de fontes secundárias e entrevistas realizadas com representantes do EDR (Escritório de Desenvolvimento Rural de Marília), da Secretaria de Agricultura, de cooperativas do município e mesmo com cafeicultores, observou-se que com relação à braquiária, esta apresenta grandes possibilidades de expansão em Marília.

O município possui um dos mais expressivos rebanhos bovinos do Estado de São Paulo, com mais de 95.000 cabeças de corte, sendo que ao menos 50% das propriedades estão envolvidas com a atividade e muitas cooperativas e empresas estão se especializando no fornecimento de produtos e assistência técnica aos pecuaristas.

Já com relação à cana-de-açúcar, a região de Marília apresenta alguns limitantes a sua expansão, dentre eles o relevo acidentado já que o mesmo impede a utilização eficiente de maquinários na colheita. Além disso, pelo município ser caracterizado pela predominância de pequenas propriedades rurais tem-se que estas não se colocam como vantajosas para o investimento das empresas do ramo que buscam a incorporação de grandes extensões de terra.

Por fim, no que se refere ao eucalipto, observou-se que o cultivo está crescendo por conta do menor investimento necessário para a produção quando comparado com o café, em especial no que se refere à aquisição de adubos e fertilizantes, além da atuação na região de empresas que o utilizam como matéria-prima como a Duratex, localizada em Agudos a cerca de 130km de Marília. Porém, por conta da demora de retorno da produção, o Eucalipto acaba sendo cultivado concomitantemente a outras culturas como o café. De forma geral, o cultivo de eucalipto não está substituindo significativamente as áreas ocupadas com café, mas sendo desenvolvido em conjunto com o mesmo.

Mesmo com a diminuição histórica da produção de café no município, a cultura ainda se coloca como uma das alternativas mais rentáveis aos produtores rurais como pode ser observado no quadro 1.

**Quadro 1: Valor da produção anual das principais atividades agropecuárias**

Exploração	Produção anual	Unidade	Valor da produção
Pecuária de corte	250.000	Arroba	17.500.000,00
Avicultura – postura	317.000	caixa/30dz	8.876.000,00
Café	20.000	saca/60Kg	4.500.000,00
cana-de-açúcar	125.000	Tonelada	4.375.000,00
Citrus (tangerina e laranja)	120.000	Caixa	1.200.000,00
Seringueira	900.000	Kg	1.170.000,00
Pecuária de leite	1.640.000	Litro	984.000,00
Melancia	150.000	Tonelada	900.000,00
Olericultura			800.000,00
Amendoim	350	sacas/25Kg	690.000,00
Eucalipto	4.500	m stereo	135.000,00
Apicultura	22	Toneladas	220.000,00
<b>Total - R\$</b>			<b>41.350.000,00</b>

Fonte: IEA – SAA – SP *apud* PREFEITURA MUNICIPAL DE MARÍLIA – PMDRS (2010, p.26). Org: autora.

O café apresenta-se em 3º lugar, com uma produção anual de 20.000 sacas de 60kg, e um valor de produção de R\$ 4.500.000,00 reais, ficando atrás da pecuária de corte e da avicultura.

Observa-se, atualmente, que as formas e o local de produção do café, o escoamento, as demandas dos produtores, o local de moradia dos mesmos, as estratégias de manutenção na atividade etc., incorporaram outras características, não se restringindo espacialmente ao município de Marília, mas incorporando um caráter regional.

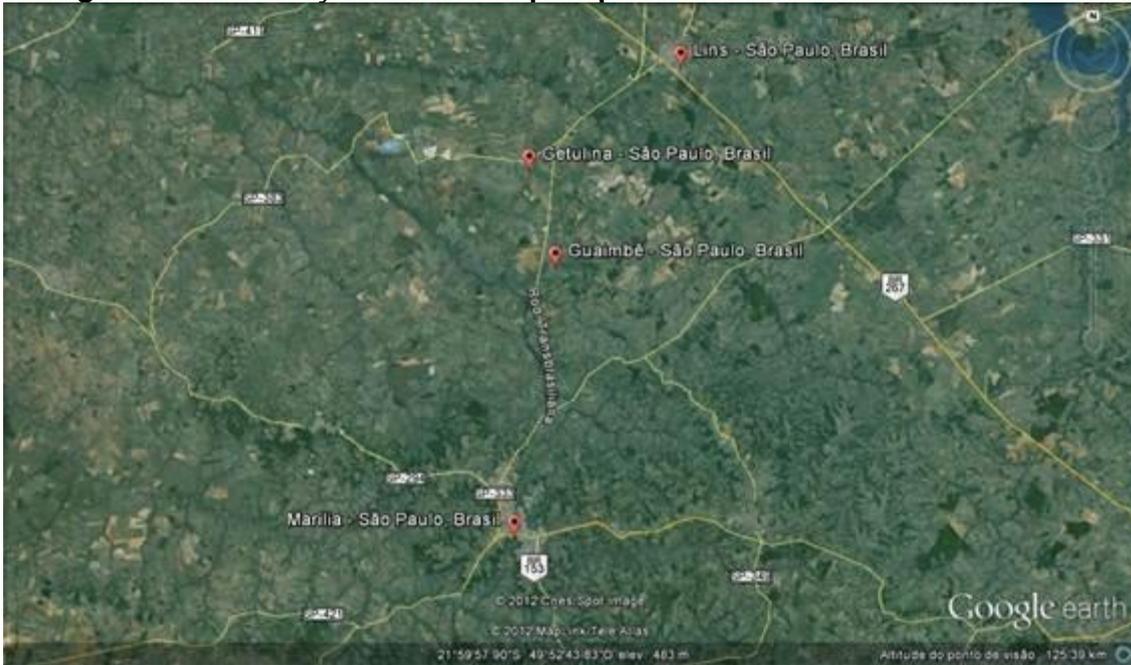
Estas novas dinâmicas serão expostas a seguir.

### **As novas dinâmicas da atividade cafeeira na região de Marília**

Frente às novas dinâmicas que se estabelecem com a intensificação das relações e da fluidez entre os espaços observou-se a necessidade de incorporar nas análises sobre as novas dinâmicas da atividade cafeeira em Marília, os municípios que fazem parte do seu entorno e que se relacionam com o mesmo por conta da produção de café. Neste sentido, abordou-se dois eixos principais de análise, estabelecidos de acordo com diversos condicionantes.

No caso do eixo Marília–Lins (Figura 2), que compreende os municípios de Guaimbê, Getulina e Lins, este foi escolhido com o intuito de compreender as características dos cafeicultores e a centralidade que a COOPEMAR exerce sobre os mesmos, como também como a presença de empresas de torrefação nacional em Lins e Getulina poderiam influenciar no destino do escoamento da produção dos cafeicultores destes municípios.

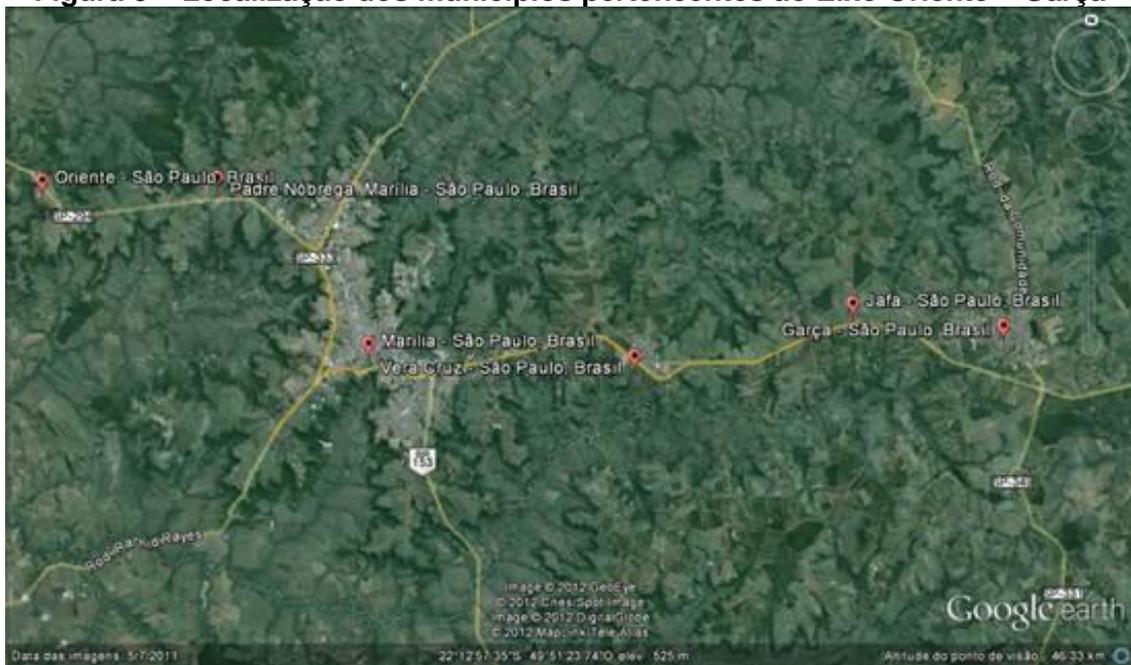
**Figura 2 – Localização dos municípios pertencentes ao Eixo Marília – Lins**



Fonte: GoogleEarth.

Já o eixo Oriente–Garça, formado por Oriente, Padre Nóbrega, Marília, Vera Cruz, Jafa e Garça (Figura 3), foi escolhido com o intuito de compreender as características dos produtores rurais e a centralidade/influência exercida pela COOPEMAR, como também de que forma a falência de uma cooperativa expressiva de café em Garça poderia comprometer o estabelecimento de relações dos produtores com cooperativas.

**Figura 3 – Localização dos municípios pertencentes ao Eixo Oriente – Garça**



Fonte: GoogleEarth.

No total realizou-se 20 entrevistas com produtores de café, 10 em cada eixo, compreendendo pequenos, médios e grandes produtores, bem como cooperados ou não de cooperativas da região.

A classificação do tamanho dos produtores seguiu o parâmetro estabelecido pela COOPEMAR para se referir aos cafeicultores associados. Na cooperativa é considerado como pequeno produtor aquele que produz até 200 sacas de café, já o médio refere-se aquele que produz de 200 a 1.000 sacas e, por fim, considera-se grande aquele cafeicultor que produz mais de 1.000 sacas de café. Consideramos que este era um critério mais adequado do que o por tamanho da propriedade rural, já que um produtor capitalizado, com incorporação de tecnologias no processo de produção, pode ter uma elevada produtividade em uma área relativamente pequena.

De forma geral, percebeu-se que no eixo Marília–Lins, o escoamento da produção se dava com maior intensidade para a COOPEMAR, mesmo que o produtor não fosse legalmente cooperado. Mas, este escoamento também depende da qualidade, já que se o café produzido for de boa qualidade ele é destinado para Marília, mas, se não o for, o mesmo é destinado para as empresas nacionais de torrefação de outros municípios como Lins que possuem menores exigências com relação à qualidade.

Ainda no que se refere a este eixo, percebe-se uma predominância de pequenos e médios produtores rurais com menor possibilidade de dispêndio de capital para investimento em novas técnicas agrícolas, em especial no que se refere à mecanização. A grande maioria dos produtores reside na própria propriedade e cultiva o café com a família, ou seja, caracteriza-se por uma mão de obra própria que está presente, de acordo com as entrevistas, em 71% das propriedades.

Quando necessitam de mão de obra externa eles contratam, principalmente, trabalhadores temporários para o período de colheita, sendo que estes são pagos por empreitadas. Os trabalhadores temporários são utilizados em 57% das propriedades do eixo.

No que se refere ao pagamento por empreitada, que é utilizado por muitos cafeicultores da região de Marília, observa-se que este se coloca como uma estratégia do próprio capital, sendo favorável ao empregador, já que ao mesmo tempo em que o pagamento só vai se dar após a materialização/finalização do trabalho (Baccarin apud LIMA, 2004), esta forma de “contrato”, ou melhor, acordo, incentiva a busca pela maior produtividade por parte do trabalhador, por meio da ampliação do seu esforço ou mesmo de sua jornada de trabalho.

Também foi possível observar que os produtores deste eixo buscam, frente às dificuldades da atividade cafeeira, não se tornarem tão dependentes da mesma, neste sentido, há uma maior tendência à diversificação produtiva. Porém, em ambos os eixos

observa-se que de todas as atividades agrícolas desempenhadas pelos produtores somente a pecuária se coloca, em alguns casos, como mais rentável que o café. Mostrando que a cafeicultura ainda continua sendo, principalmente para os pequenos produtores que possuem o tamanho da propriedade como um elemento limitante ao desenvolvimento de outras atividades, uma das mais rentáveis. Porém, pela falta de acesso ao crédito, parte considerável destes cafezais encontram-se velhos e/ou menos produtivo.

Por fim, também observou-se que neste eixo há uma maior presença de produtores cooperados da COOPEMAR, justamente pela maior dependência do auxílio da cooperativa, já que são, em grande parte, pequenos produtores rurais.

Já no que se refere ao eixo Oriente–Garça, percebeu-se uma maior expressividade de médios e grandes produtores com um maior dispêndio de capital para investimentos na produção. Este capital não é oriundo somente da rentabilidade do café, mas muitos produtores deste eixo possuem empregos urbanos e, em geral, de boa remuneração. Neste sentido, muitos destinam parte de sua renda oriunda de ocupações de caráter urbano para o investimento na atividade cafeeira.

Como são produtores que, em sua maioria, residem nos centros urbanos, grande parte deles contratam trabalhadores permanentes para cuidar tanto da propriedade como da lavoura de café. Com relação ao emprego de mão de obra temporária, tem-se que ela está presente em aproximadamente 92% das propriedades rurais, já a permanente está em 77% e, por fim, a familiar está em 38% das propriedades do eixo.

Um fator que deve ser levado em consideração no que tange a este deslocamento constante dos produtores de café da região de Marília para os centros urbanos é o fato de este processo relacionar-se com um acirramento da dependência destes produtores e sua família com relação ao espaço urbano, não somente pela questão prática de maior e mais fácil acesso a bens e serviços, a decisões referentes à produção agrícola etc., mas um acirramento da própria identificação com este espaço, criando com ele uma identidade mais fortalecida em contraposição a um possível desapego com relação ao campo (local onde se tem a reprodução socioeconômica total ou parcial da família, mas que não se identifica mais como espaço de moradia).

Será que este deslocamento para os centros urbanos não promoveria o distanciamento no que se refere à identificação e ao sentimento de pertencimento e intimidade com relação ao espaço rural? Esta é uma consideração relevante, já que percebe-se um distanciamento das novas gerações com relação às atividades desenvolvidas no campo em ambos os eixos.

No eixo Oriente–Garça percebeu-se o maior emprego de técnicas agrícolas e mecanização da produção. De forma geral, as estratégias apontadas pelos produtores para continuarem na atividade consistem em elementos que necessitam de um maior dispêndio

de capital, como por exemplo, mecanização, adubação, tratos culturais, etc. Este fator se relaciona com as características socioeconômicas dos produtores que são, em geral, mais capitalizados do que os do eixo Marília-Lins.

Além disso, a participação em cooperativas é menos expressiva que no outro eixo. Este fator pode estar relacionado com o poder de barganha destes produtores, havendo uma menor dependência da mesma, como também o receio de muitos em se tornarem cooperados, justamente por conta da falência da cooperativa que se localizava em Garça.

Neste sentido, os produtores deste eixo escoam sua produção ou para Garça (que ainda apresenta empresas de comercialização) ou mesmo para a COOPEMAR, dependendo do valor oferecido. Porém, quando a produção é destinada para a COOPEMAR, os que não são cooperados não buscam se tornar, justamente com receio de que haja a falência da cooperativa e tenham que assumir as dívidas da mesma. Este fator gera conflitos entre aqueles que são cooperados e arcam com todas as responsabilidades e aqueles que não são oficialmente cooperados, mas que acabam escoando sua produção nas mesmas condições.

De modo geral, são diversas as dificuldades impostas para os produtores de café. Observou-se na pesquisa que as principais dificuldades correspondem ao elevado custo de manutenção da produção, em especial por conta dos gastos com adubos, fertilizantes e mão de obra; ocorrência de doenças e pragas como a nematoide; dificuldade de acesso ao crédito rural por não possuírem todas as garantias exigidas; expansão da malha urbana com apropriação de áreas rurais; oscilações no preço do produto no mercado internacional e a dificuldade de encontrar mão de obra para trabalhar na produção do café.

A dificuldade referente à mão de obra é ainda maior por conta do seu custo elevado, considerando a grande procura por parte dos produtores e de sua pequena oferta, bem como, a sazonalidade do emprego da mesma que lhe atribui um caráter de instabilidade. Observou-se que os custos com a força de trabalho se colocam como um dos principais gastos da produção, juntamente com os produtos químicos e a aquisição de maquinários.

Além dos problemas já mencionados, percebeu-se a questão da fragilidade do cooperativismo no que tange ao processo de conscientização dos produtores do verdadeiro papel da cooperativa como algo além do fortalecimento econômico dos seus cooperados, mas sim relacionado com o papel social que deveria ser desempenhado pela mesma.

Esta dificuldade é intrínseca ao processo de formação das cooperativas agrícolas no Brasil e suas objetivações, oriundas das demandas de um mercado capitalista. Neste cenário, as cooperativas enfatizaram a busca pelo: “[...] maior volume de produção, melhor remuneração dos produtos de seus associados, concorrência mais acirrada com outras grandes empresas do setor [...], ampliação de serviços prestados, tecnificação e

diversificação da produção dos associados” (ROCHA, 1999, p.50). Porém, estes elementos favoreceram o endividamento das mesmas e a perda do foco nos princípios cooperativistas (SERRA, 1986).

Frente a estes problemas, algumas estratégias foram incorporadas pelos produtores de café da região no sentido de fortalecer a atividade cafeeira, criando condições para que ela seja o mais rentável possível.

Como estratégia para a permanência dos produtores na atividade tem-se: o emprego de novas técnicas agrícolas, como as curvas de nível; o uso de mudas enxertadas, ou seja, mais resistentes à nematoide; maior emprego de fertilizantes e insumos; uso da irrigação; busca pela elevação da qualidade do café e, conseqüentemente, a inserção em novos mercados, em especial o internacional; desenvolvimento de outras atividades agrícolas ou de caráter urbano com o intuito de adquirir capital para investimento na atividade cafeeira; renovação de pés de café; enquadramento dos arruamentos com o intuito principal de mecanizar a colheita<sup>3</sup> etc.

Com relação à renovação dos cafezais, tem-se que 55% dos produtores entrevistados estão renovando suas lavouras ou as ampliando, em decorrência da recente elevação do preço da saca do café. Além disso, todos os entrevistados pretendem continuar investindo na cafeicultura.

Porém, este fator apresenta controvérsias, já que ao mesmo tempo em que os produtores estão buscando investir na atividade, eles não possuem, em 90% dos casos, expectativa de que as gerações futuras continuem com a atividade. No eixo Marília-Lins, 90% dos produtores estão investindo na diversificação produtiva em busca da não dependência da cafeicultura. Já no eixo Oriente-Garça, muitos possuem, como fonte de renda, empregos urbanos, o que expressa uma possível desvinculação, ao menos parcial, da produção de café.

Muitas das estratégias já apresentadas estão relacionadas com a COOPEMAR e esta cooperativa desempenha papel relevante na articulação e, principalmente, manutenção dos produtores rurais na cafeicultura.

A COOPEMAR surgiu a partir da união de produtores de café, em especial de Marília, no início da década de 1960 com o objetivo de encontrar soluções para os principais problemas enfrentados por eles na época, tais como: a infestação dos cafezais por nematoides, a ferrugem das plantações, a geadas de 1975 que dizimou grande parte dos cafezais e a busca pelo enfraquecimento dos atravessadores da cadeia produtiva do café.

---

<sup>3</sup> De modo geral percebeu-se a predominância dos arruamentos semiadensados, ou seja, não tão largo que impeça o plantio de um maior número de pés e nem tão estreito a ponto de impedir a mecanização o que, conseqüentemente, aumentaria os gastos com a mão de obra.

Atualmente, a COOPEMAR possui papel relevante no que se refere à pesquisa científica, fornecimento de insumos e fertilizantes, assistência técnica, bem como no beneficiamento, armazenagem e comercialização do café produzido na região, mesmo apresentando dificuldades em manter o espírito cooperativista entre os integrantes.

Com o desenvolvimento da pesquisa observou-se que concomitante às estratégias empregadas pelos produtores para permanecerem na atividade, a cafeicultura da região de Marília apresenta algumas potencialidades como o clima favorável à produção de um café característico (chamado café duro), a cadeia produtiva articulada e a tradição, que favoreceu a instalação da infraestrutura necessária para a produção e que também se coloca como potencializadora da mesma.

Mediante as entrevistas, os trabalhos de campo e as análises tanto do Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (2010) como também do Plano Regional de Desenvolvimento Rural Sustentável (2011) apresenta-se, a seguir, uma síntese das propostas de solução dos principais problemas e deficiências da atividade cafeeira na região de Marília.

No que tange às propostas, estas versaram sobre a necessidade de fortalecimento do cooperativismo, a maior articulação dos produtores, agregação de valor ao produto, valorização de certificações e parcerias, maior acesso ao crédito, intensificação do desenvolvimento e da implantação de técnicas modernas de produção, condições de permanência dos produtores no campo, reconstituição de estradas rurais, iniciativa à renovação dos cafezais etc.

De forma geral, observou-se que as ações que estão sendo desenvolvidas pelo poder público com base nestas propostas se voltam, principalmente, para a renovação dos cafezais. Porém, a necessidade de renovação é somente uma das demandas da atividade cafeeira e a falta de acesso ao crédito, de capacitação, de aplicação de novas técnicas de produção, entre outros, fará com que a renovação de cafezais seja uma ação de pouco efeito.

Considerando as novas dinâmicas que estão se processando entre os municípios da região de Marília no que tange à cadeia produtiva do café, observa-se uma transformação de papéis. Este elemento fica evidente quando se considera que décadas atrás o município de Marília era considerado um grande produtor de café e que atualmente esta característica já não lhe confere com tanta veemência.

Fatores como as sucessivas crises do café; a incorporação de novas atividades agrícolas; o desenvolvimento de uma economia mais dinâmica, considerando o crescimento do setor de comércio, serviços e indústria; a expansão das áreas urbanas com a consequente incorporação dos espaços rurais etc., promoveram a diminuição da área

ocupada com o café no município. Concomitantemente a este processo houve um deslocamento da produção cafeeira para os municípios do entorno.

Portanto, o grande lócus da produção do café não se dá mais em Marília, mas sim nos municípios do entorno que podem acessar a infraestrutura e os serviços disponíveis em Marília com considerável facilidade e velocidade. Neste sentido, a importância da atividade cafeeira neste município está na centralização de infraestruturas e serviços indispensáveis na cadeia produtiva do café, cuja estruturas são relevantes tanto no início do processo produtivo com a assistência técnica, a produção de mudas etc., como também posteriormente ao processo de produção com o beneficiamento, armazenamento e comercialização do café.

De um lado, os municípios da região de Marília dependem da infraestrutura especializada nesta atividade agrícola oferecida, principalmente, pela COOPEMAR, por outro lado, a cooperativa depende do deslocamento da produção regional de café para continuar atuando e mantendo sua relativa centralidade.

Portanto, os papéis desempenhados pelo município de Marília no que tange à produção do café mudaram, porém sua importância se intensificou ainda mais, agora não como lócus espacial da produção, mas como centralizadora das condições básicas de desenvolvimento e manutenção da atividade em âmbito regional.

## **Considerações Finais**

Neste trabalho buscou-se compreender a importância da atividade cafeeira no município de Marília considerando a expansão do café para o Oeste Paulista e as dinâmicas econômicas e socioespaciais fomentadas por este processo, bem como as novas conjunturas socioeconômicas da atividade cafeeira na região, compreendendo suas características, demandas e as novas estratégias empregadas pelos produtores de café para se manterem na atividade.

Marília constituía-se no lócus da produção de café, tendo sua dinamicidade econômica e socioespacial fomentada inicialmente por esta atividade, que foi de considerável importância para o estabelecimento de muitos dos núcleos urbanos do Oeste Paulista. Porém, o que se observa atualmente é uma transformação de papéis, sendo que a produção está concentrando-se nos municípios do entorno e a estrutura necessária para o desenvolvimento da mesma permanecendo em Marília.

O grande responsável pelo oferecimento desta estrutura é a COOPEMAR, tanto no que se refere ao fornecimento de assistência técnica, insumos e mudas, como também para armazenamento, beneficiamento e comercialização do café produzido.

Para compreender as novas dinâmicas que se processam entre os municípios da região de Marília no que tange à produção cafeeira abordou-se na pesquisa dois recortes territoriais (eixos), sendo eles: Oriente-Garça e Marília-Lins. De uma forma geral, o que mais chamou a atenção é que apesar de espacialmente serem municípios próximos, as disparidades entre os eixos são mais relevantes que suas similaridades.

O eixo Oriente-Garça consiste, na sua maioria, de médios e grandes produtores, com maior dispêndio de capital em prol do desenvolvimento da atividade cafeeira, sendo que este investimento não é oriundo somente do rendimento obtido com a cafeicultura, mas sim da renda de empregos urbanos, já que muitos dos cafeicultores deste eixo residem nas cidades e contratam trabalhadores permanentes para administrarem as fazendas e cuidarem da produção do café. Estes possuem maior possibilidade de investimentos em estratégias que os permitam continuar na atividade, sendo que grande parte está relacionado com o uso mais frequente e variado de produtos químicos, irrigação e, principalmente, mecanização da produção, com o intuito de depender menos da mão de obra volante.

Porém, estes produtores possuem uma maior desvinculação da COOPEMAR quando comparado com o outro eixo. Atribui-se a esta questão dois elementos principais: o primeiro se refere à falência da cooperativa de Garça, o que promoveu o receio dos produtores em se organizarem em cooperativas e a maior capacidade de barganha por parte destes cafeicultores que, pela grande produção, conseguem se contatar diretamente com corretoras, exportadoras, etc.

Já o eixo Marília-Lins apresenta uma maior ocorrência de pequenos e médios produtores, mais ligados com as atividades agrícolas do que urbanas, porém, que possuem como estratégia de pertencimento nestas atividades de caráter rural a diversificação da produção. Sua grande maioria reside exclusivamente no campo juntamente com sua família. Neste sentido, não demandando de empregados permanentes, mas sim de trabalhadores eventuais que são contratados, principalmente por empreitada, nos períodos da colheita.

Os produtores deste eixo possuem uma maior dependência da COOPEMAR, justamente por serem produtores com menor poder de barganha e mais vulneráveis. Dentre suas principais dificuldades também se encontram a dependência da mão de obra, que se coloca como um dos maiores gastos da produção de café, os elevados custos dos insumos e venenos e a impossibilidade financeira de investimento na mecanização. Tem-se, portanto, um eixo com maiores carências estruturais e financeiras e que demanda uma ação mais efetiva da COOPEMAR e do poder público.

De forma geral, a atividade cafeeira apresenta-se não só como tradicional na região, mas também com potencialidades de se tornar de maior qualidade e reconhecimento. Porém, para que isso ocorra, várias medidas precisam ser tomadas tanto

para o fortalecimento e valorização dos produtores rurais como também para a incorporação de valor ao produto final, ao desenvolvimento de inovações da produção, etc. Muitas destas demandas já foram apontadas pelos planos de desenvolvimento rural da região, mas o levantamento por si só não surte efeito, a principal demanda neste momento é, sem dúvida, a ação.

## Referências

BALSADI, Otavio Valentim *et al.* A demanda regional da força de trabalho agrícola no Estado de São Paulo e sua sazonalidade. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.25, n.6, p.19-30, jun. 1995.

COOPEMAR. **Cooperativa dos Cafeicultores da Região de Marília**. Disponível em: <[www.coopemar.com.br](http://www.coopemar.com.br)>. Acesso em 06 de junho de 2014.

ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do noroeste do Paraná**. 2006. 505p. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

SEADE. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – **Informações Municipais**. Disponível em: <<http://www.seade.sp.gov.br>>. Acesso em fevereiro de 2012.

GORENDER, Jacob. **Gênese e desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. 27ªed. 64p.

HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes do Café: café e sociedade em São Paulo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 297p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de 2010**. Disponível em: <[www.ibge.com.br](http://www.ibge.com.br)>. Acesso em: fevereiro de 2012.

LARA, Paulo Corrêa de. **Marília, sua Terra, sua Gente**. Marília: Editora Iguatemy de Comunicações Ltda, 1991. 254p.

LIMA, João de Souza Lima. **A modernização da agricultura e as implicações nas relações de trabalho no campo: os trabalhadores volantes no município de Fernandópolis – SP**. 2004. 176p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

MATOS, Odilon Nogueira de. **Café e Ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira**. São Paulo: Alfa - Omega, 1981. 3º ed. 178p.

MILLIET, Sérgio. **Roteiro do Café e outros ensaios: contribuição para o estudo da história econômica e social do Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1982. 4ºed.183p.

MOURÃO, Paulo Fernando Cirino. **A Industrialização do Oeste-Paulista: O caso de Marília**. 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

MOTTA, Ilse Hildegard Haupt da. **O uso da terra no município de Marília**. 1972.205 f. Tese (Doutorado em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

PÓVOAS, Glycério. **Serviço de Estatística da Prefeitura de Marília**. Marília: [s.n.], 1947.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARÍLIA. **Plano municipal de desenvolvimento rural sustentável**. Marília: Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2010. 63p.

ROCHA, Eliza Emília Rezende Bernardo. **O cooperativismo agrícola em transição: dilemas e perspectivas**. 1999. 226p. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas) – Instituto de economia da UNICAMP. Campinas.

SALLUM JUNIOR, Brasílio. **Capitalismo e cafeicultura**: Oeste Paulista, 1888-1930. São Paulo: Duas Cidades, 1982. 258p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. 384p.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1994. 124p.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Coordenadoria de Assistência Técnica Integral. **Levantamento censitário de unidades de produção agrícola do Estado de São Paulo - LUPA 2007/2008**. São Paulo: SAA/CATI/IEA, 2008. Disponível em: <<http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa>>.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Coordenadoria de Assistência Técnica Integral. **Plano Regional de Desenvolvimento Rural Sustentável**. Disponível em: <[http://www.cati.sp.gov.br/new/crdr.php?cod\\_edr=24](http://www.cati.sp.gov.br/new/crdr.php?cod_edr=24)>. Acesso em: 22 de setembro de 2012.

SECRETÁRIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO. Governo do Estado de São Paulo. **11º Região Administrativa – diagnóstico**. 1971.

SERRA, Elpídio. **Contribuições ao estudo do cooperativismo na agricultura do Paraná: o caso da Cooperativa de cafeicultores e Agropecuaristas de Maringá**. 1986. 251p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

SILVA, José Graziano da. **O novo rural brasileiro**. Campinas: UNICAMP, Instituto de Economia, 1999.

STOLCKE, Verena. **Cafeicultura: homens, mulheres e capital (1850-1980)**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 410p.

Recebido para publicação em 22 de julho de 2015.

Devolvido para a revisão em 31 de agosto de 2016.

Aceito para a publicação em 06 de setembro de 2016.